

PRINCESAS X CACHORRAS: A EVANGELIZAÇÃO MIDIÁTICA NO ACONSELHAMENTO DA PASTORA SARAH SHEEVA

PRINCESAS O PERRAS: LA EVANGELIZACIÓN EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN EN EL
ASESORAMIENTO DE LA PASTORA SARAH SHEEVA

PRINCESSES OR BITCHES: THE EVANGELIZATION OF THE MEDIA ON GIVING ADVICE TO
SHEPHERDESS SARAH SHEEVA

Mônica Santos de Souza Melo*
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo descrever e analisar a organização argumentativa de um aconselhamento publicado pela pastora Sarah Sheeva no seu canal no *youtube*. Esse estudo faz parte de um projeto maior que tem como objetivo verificar se o processo de renovação das formas de interação com o fiel pela qual passa o discurso religioso reflete algum tipo de renovação nos valores e princípios adotados e pregados pelas Igrejas. Para empreender nossa análise, que é de natureza qualitativa e envolve um estudo de caso, recorreremos a pressupostos e categorias da Teoria Semiociológica do Discurso de Patrick Charaudeau (2008), especialmente aquelas que compõem os modos de organização argumentativo e enunciativo. Tal estudo nos permitiu constatar que, embora adote um formato inovador, o aconselhamento reproduz um discurso ainda bastante conservador, pautado nos valores mais tradicionais do cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso religioso. Mídia. Semiociologia.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo describir y analizar la organización argumentativa de un anuncio publicado por la Pastora Sarah Sheeva en su canal en *youtube*. Este estudio forma parte de un proyecto más amplio que pretende verificar que el proceso de renovación de las formas de interacción con los fieles a través del cual pasa el discurso religioso, reflejando algún tipo de actualización de los valores y principios adoptados y predicados por las iglesias. Para llevar a cabo nuestro análisis, que es de naturaleza cualitativa y consiste en un estudio de caso, vamos a utilizar los supuestos y categorías de *semiociología* Teoría Patrick Charaudeau del habla (2008), especialmente los que componen los modos de organización argumentativa y declarativa. Este estudio

*Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professora Associada III do Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: monicamelo@ufv.br. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, processo n.304833/2014-2.

permitió observar que, a pesar de adoptar un formato innovador, el asesoramiento desempeña un discurso que sigue siendo bastante conservador, basado en los valores más tradicionales del cristianismo.

PALABRAS CLAVE: Discurso religioso. Medios de comunicación. *Semiotinguistics*.

ABSTRACT: This article aims to describe and analyze the argumentative organization of an advisory published by Shepherdess Sarah Sheeva on her *YouTube* channel. This study is part of a larger project that aims to verify if the renewal of the forms of interaction with the faithful through which religious discourse is through reflects any kind of renovation of the adopted values and principles preached by churches. To undertake our analysis, which is qualitative in nature and involves a case study, we adopted the assumptions and categories of Patrick Charaudeau's Semiotinguistics Theory (2008), especially those composing the argumentative and declarative organization methods. This study allowed us to note that, even though it adopts an innovative format, counseling reproduces a speech that is still quite conservative, based on the most traditional values of Christianity.

KEYWORDS: Religious discourse. Mediatization. Semiotinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Pretendemos, ao longo do artigo, descrever e analisar as estratégias argumentativas de um aconselhamento publicado pela pastora Sarah Sheeva no seu canal no *youtube*. Esse aconselhamento, publicado em 26 de fevereiro de 2016, tem duração de 6 minutos e 45 segundos e compõe um vídeo maior, com duração de 1 hora e 23 minutos, que, por sua vez, faz parte de uma sequência de postagens nas quais a pastora responde consultas de fiéis do sexo feminino a respeito de vários assuntos, com predominância de temáticas relacionadas a questões sentimentais.

Um olhar sobre a história da pastora Sarah Sheeva nos revela uma trajetória curiosa. Segundo Silva (2014), Sarah começou sua carreira como cantora em 1994, apresentando-se como *backvocal* de seus pais, Pepeu Gomes e Baby do Brasil. Em 1998, montou, com suas irmãs Nana Shara e Zabelê, o grupo musical SNZ, no qual atuou por cinco anos. Deixou a carreira artística para seguir seu chamado ministerial e trabalhar em tempo integral na obra de Deus, como missionária e pregadora da Palavra. A ex-cantora conta que sua transformação começou durante um ensaio da banda com suas irmãs, após presenciar um surto de um dos músicos da banda que teria sido resultado de uma possessão de um espírito maligno. Impressionada com o episódio, ela passou a frequentar uma igreja evangélica e se dedicou a estudar exaustivamente a Bíblia. Esse processo representou uma mudança radical no seu comportamento. Tendo se convertido, Sarah vinculou-se, originalmente, à Igreja Celular Internacional, com sede no Rio de Janeiro. Essa Igreja, considerada neopentecostal, foi fundada em 1999 e prega, entre outros princípios conservadores, a castidade total antes do casamento. Atualmente, Sarah não pertence mais a essa Igreja, mas atua como pastora missionária, possuindo um ministério próprio: o Ministério Sarah Sheeva. De acordo com o site da pastora, o objetivo do seu Ministério é “[...] edificar a Igreja de Jesus Cristo de uma forma abrangente, levando Palavras de Libertação, Cura e principalmente Santificação, para então alcançarmos cada vez mais almas para o Reino de Deus” (SHEEVA, 2016).

A pastora Sarah Sheeva exerce a evangelização através dos cultos que realiza pelo país e, também, de várias mídias. Dedicada, sobretudo, à orientação e evangelização do público feminino, Sarah Sheeva criou o chamado “Culto das Princesas”.

De acordo com Silva (2014), o Culto das Princesas surgiu após a pastora perceber a carência dos ensinamentos religiosos para as mulheres em sua Igreja. Esses cultos se destinam exclusivamente às mulheres e não podem ser registrados e nem veiculados pelas mídias para que nenhum homem tenha acesso ao conteúdo pregado pela pastora.

Paralelamente ao Culto, devido à grande quantidade de e-mails em busca de orientação e conselhos pessoais recebidos por Sarah Sheeva, a pastora passou a publicar vídeos nos quais responde a perguntas encaminhadas por mulheres de todo o país. Dispõe, para isso, de vários recursos, uma vez que possui um canal no *youtube*, um *blog*, um *site*, uma conta no *twitter* e uma página no *facebook*. Nos últimos meses, tem recorrido também ao aplicativo *snapchat* para postar mensagens mais curtas, de conteúdo variado. Seus vídeos trazem informações sobre suas pregações e seus cultos, além de reflexões religiosas e comportamentais. Eles são de domínio público e possuem um grande número de visualizações.

A ampla visualização pelos fiéis e a repercussão desses vídeos exemplificam o processo de midiaticização do discurso religioso, ao qual as igrejas em geral, e as neopentecostais de forma mais agressiva, têm recorrido para angariar fiéis. O uso do ciberespaço para intensificar a interação com o fiel é um fenômeno que vem se ampliando nos últimos anos e que é responsável por transformar autoridades religiosas em verdadeiras celebridades. A utilização dos meios de comunicação por parte das igrejas faz parte de um esforço da maioria das denominações religiosas para se aproximar de um público ausente das formas tradicionais de contato com o fiel, como missas e cultos.

A mensagem deve se adaptar às exigências do dispositivo midiático para captar o fiel, uma vez que se direciona a um público mais heterogêneo e disperso. Além disso, o uso da mídia estabelece novos ambientes e novas situações de troca, o que requer uma nova linguagem.

2 O MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL

O discurso que tomamos como objeto de análise pertence ao Ministério Sarah Sheeva, que se define como sendo de linha neopentecostal. Deve-se esclarecer, a partir de Silva (2014), que, entre as denominações evangélicas, encontramos três divisões. As tradicionais, que vêm do período da Reforma Protestante, ocorrida no século XVI; as pentecostais, que se originaram em uma época de reavivamento do protestantismo nos Estados Unidos, no início do século XX; e as neopentecostais, bem mais recentes, que resultam da transformação e adaptação das Igrejas Pentecostais.

O Neopentecostalismo teve início na segunda metade da década de 70, cresceu e se fortaleceu nas décadas de 1980 e 1990, e hoje está presente em todo o mundo e, de forma expressiva, no Brasil. O prefixo “neo” é utilizado para marcar sua recente formação, bem como seu caráter de “novidade” dentro do protestantismo.

Segundo Mariano (1999), esta vertente teve grande inserção na sociedade através dos meios de comunicação. Trata-se de uma nova roupagem do protestantismo, que incentiva o fiel a buscar a prosperidade e a cura e que implementou profundas acomodações à sociedade, abandonando estereótipos pelos quais os “crentes” eram reconhecidos e implacavelmente estigmatizados, abolindo certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, propondo novos ritos, crenças e práticas e estabelecendo costumes e comportamentos mais brandos. Seus rituais são grandiosos e pomposos, e não dispensam curas milagrosas e exorcismos.

Segundo Silva (2014), as igrejas neopentecostais apostam, ainda, na divulgação de suas crenças por meio do rádio e da TV. Algumas delas mantêm forte presença na mídia eletrônica, controlando a programação – e às vezes, as finanças –, de centenas de emissoras de rádio e televisão no país.

Essa utilização das mídias mostra-se como um mecanismo adicional que favorece a influência e o controle da Igreja sobre o fiel, ampliando o chamado “poder pastoral”, nos termos de Foucault (2004), noção que abordaremos brevemente a seguir.

3 O DOMÍNIO DE PRÁTICA RELIGIOSA E O PODER PASTORAL

Embora os aconselhamentos de Sarah Sheeva tomem por tema central orientações de natureza sentimental, que incluem, entre outros, o comportamento sexual das mulheres, esses se vinculam ao domínio de prática religiosa, por terem como instância de produção uma enunciadora revestida do papel social de pastora, que representa, em suas palavras, o pensamento da instituição.

Os domínios de prática social se definem por serem lugares de produção das interações sociais que se organizam em setores de atividades. Para Chauradeau (2010, p.286):

Os *domínios da prática* são lugares de produção das interações sociais organizadas em setores de atividade social que se definem por um conjunto de práticas finalizadas. Eles resultam de um jogo de regulação das relações de força que aí se apresentam, e instauram um recorte do espaço social como lugar simbólico de uma atividade ordenada de atores sociais em torno de uma finalidade que implica regras de troca. Em termos bourdieusianos, poderíamos falar de “campos” da prática social.

Adotando essa perspectiva, o domínio de prática religioso se compõe de uma série de interações e práticas, que têm a Igreja (na figura de autoridades como padres, bispos, pastores, etc.) como instância produtora de discursos e a população em geral – e o fiel, de forma específica – como instância de recepção. Esses “atores” se relacionam num espaço não apenas físico, mas também simbólico, regido por regras que revelam uma relação hierárquica entre as instâncias de produção e recepção do discurso.

Reconhece-se, atualmente, que a sociedade tem passado por um processo de secularização, com uma diminuição da influência da Igreja em vários setores da vida social. Apesar disso, verifica-se uma propagação de diversas denominações religiosas, sobretudo no campo das igrejas cristãs de linha neopentecostal, o que mostra que a religião mantém presença na sociedade, uma vez que os indivíduos continuam recorrendo a ela para compreender seu lugar no mundo, para compreender a si mesmo e para balizar valores e comportamentos. Segundo Lemos (2005, p.28):

A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos. Ela pode tanto fornecer a explicação e a justificação das relações sociais como construir o sistema de práticas destinadas a reproduzi-las.

Sendo assim, a religião atua tanto no âmbito social quanto no individual, exercendo forte influência sobre as concepções e, conseqüentemente, sobre a atitude dos indivíduos. É o que afirma Lemos (2005, p. 127):

É exatamente por trabalhar com questões simbólicas que os discursos religiosos interferem na elaboração e difusão dos símbolos culturalmente disponíveis, dos conceitos normativos, das noções de fixidade e de identidade. Ao interferir na elaboração e difusão destes elementos em conexão com outros campos da cultura, os discursos religiosos penetram no âmago das concepções de vida das pessoas.

Verifica-se, portanto, que a religião exerce um poder incontestável sobre o fiel, afetando suas crenças e comportamentos, por meio de uma série de símbolos e normas que são impostos ao fiel através do discurso. É sobretudo por meio das práticas discursivas que se exerce o chamado “poder pastoral”, nos termos de Foucault (2004).

Para Foucault, a partir do momento em que se solidificou como uma força de organização política e social, o cristianismo introduziu esse tipo de poder, havendo, simultaneamente, a instituição de responsáveis (padres, pastores) que assumiram a função de pastores da comunidade cristã, com os encargos associados a essa função.

Segundo Foucault, o poder pastoral, diferente do tradicional, não visa o triunfo sobre os dominados, mas procura garantir o bem-estar do indivíduo e do grupo. A característica moral do pastorado seria fazer tudo para promover a salvação do fiel e se sacrificar pelo bem de seus seguidores.

A existência desse tipo de poder acarreta, para Foucault (2004), algumas implicações: a primeira é o fato de que cada indivíduo é levado obrigatoriamente a buscar a salvação; a segunda implicação é que essa salvação só pode ser atingida caso se aceite a autoridade de um outro (o padre, o pastor) e esse poderá ter acesso às ações dos indivíduos e ao poder de autorizá-las ou não. Trata-se de uma nova forma de análise e controle de comportamento e culpabilização que se acrescenta às tradicionais estruturas jurídicas que todas as sociedades possuem. Por fim, Foucault aponta um terceiro fato decorrente do poder pastoral: a instituição da figura do pastor como alguém que, além de auxiliar o indivíduo a obter a salvação, pode exigir dos fiéis uma obediência absoluta.

Foucault (2004) define o pastorado como uma categoria de indivíduos singulares, que não se definem inteiramente por seu status, sua profissão nem por sua qualificação individual, intelectual ou moral, mas por serem indivíduos que desempenham, na sociedade

cristã, o papel de verdadeiros condutores (“pastores”) em relação ao grupo (“ovelhas”) e cuja função é garantir o bem-estar desse grupo e promover a “salvação” individual. Essa salvação, contudo, depende da obediência, por parte do indivíduo, de uma série de leis que não coincidem, necessariamente, com as leis comuns já existentes na sociedade, que são impostas no âmbito do domínio jurídico. Essas novas leis são disseminadas pelo pastor, que seria também responsável por zelar pelo seu cumprimento. Nessa perspectiva, a obediência incondicional ao pastor é vista como uma condição essencial para se obter a virtude e, conseqüentemente, a salvação.

Como afirma Foucault (2004, p.69), “[...] o pastorado trouxe consigo toda uma série de técnicas e de procedimentos que concerniam à verdade e à produção da verdade.” O pastor é, portanto, aquele que possui a autoridade, além do atributo da sabedoria e a função de ensinar a palavra de Deus, os mandamentos de Deus, da Igreja e a moral cristã (FOUCAULT, 2004). Compreendemos, a partir de Foucault (1998), a noção de moral como ambígua. Para esse autor, por moral “entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.” (FOUCAULT, 1998, p. 26). Contudo, entende-se, também, por moral o comportamento dos indivíduos em relação a essas regras. Para o autor, “designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores” (FOUCAULT, 1998, p. 26).

De acordo com essa proposta, depreende-se que o pastor é aquele que possui o atributo da sabedoria e a função de ensinar a palavra de Deus e a moral cristã. Sendo responsável por acompanhar seu rebanho, cabe ao pastor, também, controlar as atitudes dos fiéis, o que inclui, dentre outros, seu comportamento sexual.

Essa função, para Foucault, tem uma explicação na história do cristianismo. Tendo em vista a necessidade de reprodução e organização familiar, fazia-se necessária, desde os primórdios do cristianismo, a defesa de uma concepção moderada quanto ao comportamento sexual, de forma que a carne fosse vista como fonte de uma tentação que poderia levar o homem a ultrapassar os limites estabelecidos pela moral. Com isso, estabeleceram-se os princípios da monogamia, do casamento, da sexualidade ligada à reprodução, com uma limitação e desqualificação do prazer.

Tal repressão à sexualidade representa uma iniciativa do cristianismo de compilar e propagar a instrução moral conforme os preceitos bíblicos. Porém, trata-se de uma interpretação que reflete posições filosóficas da época, uma vez que não há, no Antigo Testamento, julgamentos que levem a crer que a sexualidade seja inferior à espiritualidade ou à intelectualidade. Também no Novo Testamento, onde se encontram os ensinamentos de Jesus às comunidades judias sob a influência greco-romana, não há uma orientação sistemática a respeito da sexualidade. Parte das orientações em relação ao comportamento sexual se encontra nas Epístolas aos Coríntios, escritas por Paulo, e se justificam pelo contexto da época. Trata-se de uma tentativa de inibir uma série de comportamentos contrários à nova moral, dentre eles a prostituição, que se manifestavam na região: pregava-se, assim, a castidade e a prática sexual apenas dentro do casamento, considerado como indissolúvel.

O quadro descrito acima nos permite identificar pontos de convergência e divergência entre os autores citados, uma vez que o chamado poder pastoral de Foucault (2004) é exercido no domínio de prática religioso, nos termos delineados por Charaudeau (2010) e se sustenta por intermédio de práticas e interações construídas através dos discursos que nelas se produzem. Esse poder se mantém a partir da reprodução de um sistema de símbolos aos quais se refere Lemos (2005), interferindo nas concepções de vida das pessoas. Devemos destacar, no entanto, uma especificidade no pensamento de Foucault, que seria o fato de esse autor diferenciar o poder pastoral das outras formas de poder, reconhecendo que ele se justifica pelo propósito de promover a salvação do fiel, sendo essa a principal finalidade que motiva o pastor a impor determinados comportamentos àqueles que o seguem.

As concepções descritas acima, associadas ao poder pastoral, persistem até os dias de hoje nas igrejas cristãs, em suas várias vertentes. Veremos, a seguir, como elas se manifestam no discurso que adotamos como objeto de estudo.

O GÊNERO SITUACIONAL “MENSAGEM DE ACONSELHAMENTO ESPIRITUAL E MORAL”

A mensagem de aconselhamento pode ser descrita adotando-se alguns parâmetros definidos por Charaudeau (2004) para compreensão dos chamados “gêneros situacionais”. Para esse autor, a descrição de qualquer gênero depende da observação de características físicas, identitárias e contratuais, fazendo-se a partir da articulação entre três níveis:

- i. o situacional, cujas restrições são instituídas pelo contrato comunicacional que configura a situação de comunicação: finalidade, propósito, identidade dos parceiros e circunstâncias materiais.
- ii. o formal, que corresponde aos aspectos formais configurados nos textos: composição textual interna - organização do texto em partes, construção gramatical, etc.
- iii. o discursivo, que determina a construção discursiva dos gêneros: modos de organização do discurso - enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo.

Com relação ao nível situacional, constatamos que o aconselhamento espiritual é um gênero cujo domínio central é o religioso, que toma como propósito a doutrinação religiosa e moral dos indivíduos. Além disso, deve-se destacar que os aconselhamentos espirituais cristãos se pautam em leituras dos ensinamentos bíblicos. Se partirmos do princípio de que “o sagrado está na raiz de todo fenômeno religioso” (LEMOS, 2005, p. 32), podemos constatar que os aconselhamentos publicados por Sarah Sheeva, de teor predominantemente normativo, se pautam na imposição de uma série de crenças e comportamentos, derivados de uma ética que opõe sagrado e profano. Na mensagem analisada, a temática refere-se ao uso da internet pelas mulheres. Com relação à identidade dos parceiros, identificamos, na instância de produção do aconselhamento, a pastora Sarah Sheeva, que assume o papel de conselheira e, na instância de recepção, as internautas que assistem a essa mensagem.

Quanto às circunstâncias materiais, verificamos que o contrato não permite uma troca dialogal *stricto sensu*. Porém, há uma situação pseudodialógica, pois Sarah simula um diálogo com a internauta que envia a pergunta. Como o aconselhamento analisado é veiculado pela *internet*, deve-se reconhecer que esse resulta de uma interseção entre os domínios midiático e religioso. Essa interseção permite ampliar os espaços de produção e recepção do discurso religioso, que deixam de estar restritos ao templo. Assim, da sua própria casa, a pastora consegue “entrar” na casa da fiel, o que sugere uma situação de informalidade, que gera um efeito de aproximação com a internauta:



Imagem 1: Pastora Sarah Sheeva ministrando o aconselhamento

Fonte: Sheeva (2016)

Portanto, as circunstâncias materiais dotam esse tipo de discurso de características específicas com relação à interação entre a pastora e as fiéis. A publicação de um vídeo na *internet* causa, ainda, uma ilusão de presença, reforçando o efeito de intimidade entre Sarah e as internautas. Curioso é o fato de que, ao mesmo tempo em que se cria uma ilusão de intimidade, trata-se de uma comunicação, na verdade, de caráter público. A publicação desse vídeo imprime, ainda, ao aconselhamento uma permanência, o que amplia seu alcance, uma vez que o vídeo fica disponível na “rede” e pode ser acessado e compartilhado de forma irrestrita e ilimitada. Em termos da finalidade, entendemos que o vídeo visa orientar a internauta, que faz a consulta, e as demais fiéis, que assistem ao vídeo, em torno da questão sobre a possibilidade das mulheres utilizarem “sites”. Para essa questão, a pastora propõe uma delimitação,

defendendo uma proibição ao uso de sites de relacionamento por parte das mulheres para procurarem namorados. Segundo a pastora, suas justificativas se pautam nos ensinamentos bíblicos, conforme veremos a seguir.

A interseção entre os domínios religioso e midiático institui uma situação de comunicação de aconselhamento espiritual e moral, na qual a locutora tem como finalidade doutrinar as mulheres que assistem ao vídeo. Para tanto, o enunciador seleciona duas visadas: a visada de informação (fazer-saber) e a visada de incitação (fazer-fazer). Na mensagem analisada, o locutor adota uma visada de informação, ao descrever as diferenças entre homens e mulheres, que teriam fundamento na Bíblia. Quanto à visada de incitação, o falante pretende levar a fiel a adotar uma postura: a de não tomar a iniciativa no relacionamento sentimental, sugerindo que a obediência a essa prescrição a beneficiará. No que se refere às características identitárias dos parceiros da troca, temos acesso às do locutor, enquanto, em relação aos interpretantes, há uma expectativa de que se trate, em sua maioria, de um público evangélico e feminino. Contudo, sabemos que essa expectativa pode não se confirmar plenamente, uma vez que não há um monitoramento objetivo de quem, de fato, acessou tal mensagem. Até a presente data, o vídeo registra 11583 visualizações.

Em termos da organização textual, a mensagem comporta uma estrutura com uma introdução do tema e de uma proposta a ele relacionada, exposição de argumentos e conclusão. Na mensagem analisada, o momento introdutório é organizado discursivamente pelo comportamento elocutivo, através do qual a locutora expressa claramente seu ponto de vista, através da interdição: “O que eu sou contra é esses sites de relacionamento onde a mulher fica procurando homem.” Em seguida, apresentam-se argumentos que visam fundamentar essa interdição e, finalmente, há o momento da incitação (organizado discursivamente pelos comportamentos alocutivo e elocutivo), em que a enunciatória anuncia o comportamento que a destinatária deve adotar. O uso de uma linguagem coloquial nos permite identificar um público destinatário jovem, ao qual a pastora se direciona com expressões de uso corriqueiro, tal como “vamo lá”, “a mulher fica meio baratinada”, “o nome do cara é João”, através das quais a pastora procura se aproximar das fiéis.

Quanto às restrições discursivas, o aconselhamento espiritual é um gênero predominantemente argumentativo, uma vez que busca levar o indivíduo a adotar determinado ponto de vista. A descrição da organização argumentativa da mensagem em questão será apresentada em seguida.

5 A ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA DO ACONSELHAMENTO

A partir desse momento nos propomos a descrever a organização argumentativa do aconselhamento selecionado. Devemos mencionar que a pastora Sarah Sheeva tem dezenas de vídeos publicados no seu *site* e no seu canal do *youtube*, todos com milhares de visualizações, o que é uma evidência da popularidade da pastora. O aconselhamento em foco nesse artigo foi selecionado a partir dos critérios da atualidade e da representatividade, uma vez que é um dos aconselhamentos mais recentes e mais visualizados.

Organizamos nosso texto, procurando associar a descrição dos dados à sua interpretação, de modo que se possa compreender a relação entre os comportamentos linguageiros adotados e seu significado social e funcionamento no seu contexto de produção- interpretação, interpretando os efeitos de sentido que provocam. Nossa descrição e análise será intercalada de excertos extraídos do aconselhamento, os quais consideramos os mais significativos para ilustrar os fenômenos identificados.

O aconselhamento analisado é uma resposta à seguinte dúvida da internauta? “É correto uma mulher cristã estar em sites para conhecer pessoas?” Nele, a pastora defende a tese de que a mulher não deve tomar a iniciativa, ou seja, num relacionamento caberia ao homem o papel de buscar a aproximação com a mulher, e não o contrário.

No aconselhamento em questão, predomina a organização argumentativa, por se tratar de uma mensagem de doutrinação. Pretendemos, aqui, abordar como se dá a argumentação na mensagem analisada, tendo em vista a interseção dos domínios religioso e midiático. Para isso, partimos de uma proposta que encara a argumentação como um processo dialógico.

Para Charaudeau (1992), a argumentação é um processo dialógico, intersubjetivo, já que exige, além de um sujeito que desenvolva uma asserção sobre uma tese, outro sujeito que constitui o alvo da argumentação e a quem o sujeito que argumenta pretende levar

a partilhar não a mesma verdade, mas uma veracidade, que dependeria das representações socioculturais partilhadas pelos membros de um grupo dado em nome da experiência e do conhecimento; assim, a existência de um dispositivo argumentativo não determina a forma particular que assumirá a argumentação num texto, mas depende dos fatores situacionais, isto é, da influência determinada pela situação de troca e pelo contrato de fala.

Como processo dialógico, toda argumentação tem como objetivo principal estimular a adesão de seus interlocutores a suas teses, de modo a criar nos ouvintes predisposição a uma ação efetiva. Para que haja a argumentação, estabelece-se entre os indivíduos um contrato intelectual baseado principalmente no fato de os enunciadores pertencerem aos mesmos contextos sócio-históricos. Portanto, a existência de um dispositivo argumentativo não é o único responsável pela argumentação de um texto. Essa depende também dos fatores situacionais, determinados pela situação de troca e pelo contrato de fala.

No aconselhamento em questão, a pastora, ocupando uma posição de autoridade e instituída de um poder pastoral legitimado pela Igreja e confirmado pelas fiéis que buscam seus aconselhamentos, coloca-se como representante da Igreja, partilhando as representações dessa instituição. A partir dessa posição, defende a seguinte proposta: “o homem procura, a mulher espera.” Reproduz e defende, ao longo da sua fala, um ponto de vista machista, que revela uma relação de poder real e simbólico entre homens e mulheres, pautada numa hierarquia que coloca o homem em posição de dominante e a mulher como dominada.

Para influenciar a sua interlocutora, levando-a a partilhar seu universo de discurso, a locutora recorre ao modo de organização argumentativo. Para defender a tese identificada acima, a pastora adota uma “razão persuasiva” (CHARAUDEAU, 2008, p. 207), apresentando argumentos que justifiquem sua proposta.

Buscando identificar os procedimentos da encenação argumentativa adotados, verificamos, inicialmente, que as estratégias utilizadas pela locutora se desenvolvem de forma a determinar a posição de autoridade do sujeito falante, reforçando sua legitimidade. Servem também para dotar o discurso de credibilidade e, finalmente, para atrair o ouvinte e conduzi-lo a um determinado comportamento. Para tanto, o sujeito se vale de procedimentos argumentativos a fim de legitimar ou inferir credibilidade à sua fala e ainda captar o seu interlocutor.

A pastora adota alguns procedimentos, com base nos componentes do Modo de Organização Argumentativo, para servir a seu propósito em função da situação de comunicação (aconselhamento) e do seu destinatário, que são as fiéis evangélicas de modo geral e, mais especificamente, a internauta que faz a pergunta. Esses procedimentos contribuem para validar a argumentação e são basicamente de dois tipos: os semânticos e os discursivos.

Os procedimentos semânticos consistem em usar argumentos baseados num consenso, ou seja, em valores partilhados por um grupo em torno de alguns domínios de avaliação, dentre os quais, o hedônico, o ético, o pragmático e o da verdade.

Avaliamos que esses valores partilhados que servem de base para os procedimentos semânticos resultam de uma representação da realidade, a qual Charaudeau chama de “imaginário sociodiscursivo”, nesse caso, a respeito dos comportamentos de homens e mulheres na sociedade. Para Charaudeau (2007, p.47, tradução nossa):

O imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenómenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário tem uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação.

Sendo assim, a tese de que a mulher deve ser submissa ao homem, defendida pela pastora, não representa uma verdade em si, mas um imaginário sociodiscursivo a respeito dos papéis de homens e mulheres na sociedade. Esse imaginário, como o próprio Charaudeau destaca, é qualificado de social porque essa atividade de simbolização representacional do mundo acontece no interior de um domínio de prática social (no nosso caso, no domínio religioso). São os imaginários que tornam coerente a relação entre a

ordem social e os comportamentos, com a ajuda de aparelhos de regulação que são as instituições. Além disso, esses imaginários são discursivos porque são gerados e reproduzidos pelos discursos que circulam nos grupos sociais, “organizando-se em sistemas de pensamentos coerentes criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva” (CHARAUDEAU, 2007, p. 48- tradução nossa).

Visando levar a interlocutora a aderir à proposta de que, no relacionamento amoroso, cabe ao homem tomar a iniciativa, a pastora recorre, a partir de imaginários difundidos no âmbito religioso sobre a relação homem-mulher, ao domínio de avaliação da verdade, que define os seres e os fatos em termos de verdadeiro e falso. Apoiando-se na sua posição de autoridade, a pastora se posiciona de maneira a determinar uma posição de verdade.

Assim, toda diferença entre homens e mulheres, defendida ao longo do texto¹, é apresentada em enunciados delocutivos, impessoais, que expressam aparentemente verdades absolutas pautadas na Bíblia, como observamos no exemplo 1:

(1) Deus criou o homem com uma estrutura pra tomar iniciativa, pra procurar pra dar os primeiros passos no relacionamento que a mulher não tem essa mesma estrutura.

A partir da proposta de que a mulher não foi feita para tomar a iniciativa, tomada como consensual, estabelece-se uma generalização, de acordo com a qual essa proposta e aquilo que dela decorre valem para um grande número de casos que se repetem com frequência. Como diz Fiorin (2015, p. 201), “[...] apresentar um argumento como sendo da ordem da normalidade ou do bom senso é expô-lo como sendo do domínio do que não pode ser contestado, do que é evidente, do que é aceito por todos os que são normais”. Trata-se de uma estratégia que, no exemplo abaixo, se materializa pelo argumento introduzido pelo modalizador epistêmico “sabe”, através do qual se introduz um valor de certeza, como podemos verificar no excerto abaixo:

(2) Deus sabe que a gente mulher não tem capacidade de lidar com essa coisa de tomar a iniciativa e tomar um fora e ficar de boa. O homem, ele pede pra namorar com uma mulher e a mulher diz não, ele fica de boa, sossegado, ele ainda brinca com isso. Ele fala, cê tem certeza de que você vai me dispensar? Eles brincam porque parece que eles foram criados um chip dentro deles pra tomar a iniciativa, pra ser homem, pra ser macho, entendeu? E a gente não.

A locutora recorre também ao domínio de avaliação pragmático, quando menciona as consequências devastadoras que afetam as mulheres que tomam a iniciativa num relacionamento amoroso e levam “um fora”. Abaixo, temos uma das passagens em que isso ocorre:

(3) Se a gente vai pedir pra namorar e a gente toma um fora, a gente fica destruída, porque a gente não foi criada com estrutura pra fazer esse papel.

Também explora-se o domínio do pragmático, que diz respeito a valores fundados na experiência, quando se defende que o princípio de que a mulher deve esperar a iniciativa do homem foi criado por Deus para proteger as próprias mulheres. Ou seja, a obediência a esse princípio resulta na proteção e na segurança da própria mulher. Nas palavras da pastora:

(4) [...] você está quebrando um princípio que foi criado pra te proteger, entendeu.

Finalmente, com relação ao domínio do ético, que define os comportamentos humanos em termos de bem e mal, do certo e do errado, a partir de uma moral externa imposta por determinado grupo, constatamos, no discurso da pastora, a distinção rígida de duas “categorias” de mulheres: as princesas e as cachorras. A primeira categoria – das princesas – abriga as mulheres cujo comportamento condiz com uma ética de comportamento feminino cristã. Na proposta defendida pela pastora, princesa é a mulher que espera o homem tomar a iniciativa, que se submete à dominação masculina. Já na segunda categoria – a das cachorras –, enquadram-se as mulheres cujo comportamento não se adequa às prescrições bíblicas. No aconselhamento, a cachorra é a mulher

¹ Texto transcrito a partir de Sheeva (2016).

que procura homem, invertendo os papéis tradicionais de homens e mulheres. As orientações, nesse sentido, aparecem várias vezes, ao longo do aconselhamento, através de enunciados delocutivos, que expressam uma verdade a qual não se pode questionar. Na passagem abaixo, em que se reitera a tese de que a mulher não deve “procurar homem”, a pastora define esse tipo de comportamento como “burrice”:

(5) Você tomar a iniciativa não tem nada a ver com direitos iguais. É burrice mesmo [...]

Identifica-se, também, na fala da pastora, o uso de alguns procedimentos discursivos. Para Charaudeau (2008), os procedimentos discursivos consistem em usar categorias da língua ou procedimentos dos outros modos de organização do discurso para produzir efeitos de persuasão. Dentre esses procedimentos, destacam-se, na fala da pastora, a definição de um comportamento e a comparação. Destacamos, a seguir, alguns momentos em que esses procedimentos se apresentam no aconselhamento analisado.

Primeiramente, a pastora apresenta sua visão do que seria uma mulher tomar a iniciativa num relacionamento. Esse comportamento definido como “burrice”, como vimos acima, é considerado totalmente inapropriado. Para acentuar o caráter inadequado do comportamento da mulher que “procura homem”, a pastora usa o recurso da gradação:

(6) Cabe a nós mulheres aprendermos isso que foi criado por Deus pra nos proteger e não entrar em rebelião e ficar olhando pra homem, paquerando homem, procurando homem, querendo arrumar homem, entendeu.

A pastora emprega o procedimento de comparação por dessemelhança, pautada em imaginários de crença da Igreja. A comparação ocorre basicamente em dois eixos: homens x mulheres e princesas x cachorras.

A comparação entre homens e mulheres reflete uma concepção machista, que vê uma hierarquia nas relações entre eles, de acordo com a qual o homem é visto como dominador e a mulher como dominada. Essa diferença teria sua origem nas religiões monoteístas, como defende Perrot (2007). Para esse autor, “[...] as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma Natureza criada por Deus” (PERROT, 2007, p. 83).

Presumindo o contra-argumento atribuído a uma “cultura feminista”, que diria que homens e mulheres devem ter direitos iguais, a pastora defende que salientar a diferença entre homens e mulheres em nada tem a ver com direitos iguais:

(7) [...] a maioria das mulheres tá sendo ministrada há gerações por uma cultura feminista que diz Ah, não. Por que que só o homem pode tomar a iniciativa? A gente também quer tomar. A gente também quer é... é... fazer o que a gente quer. A gente também quer chegar e acontecer. Quer dizer, é uma necessidade que a mulher tem de falar nós somos iguais, temos direitos iguais. E isso não tem nada a ver com assunto de direitos iguais. Isso é outro assunto. Você tomar a iniciativa não tem nada a ver com direitos iguais.

O quadro abaixo sintetiza algumas das principais características atribuídas pela pastora a mulheres e homens. Nas palavras de Sarah Sheeva:

Quadro 1: mulheres x homens no aconselhamento

Mulheres	Homens
A mulher, ela perde, como é que se fala , não é... a palavra é... ela perde a lucidez. A mulher ela fica muito empolgada com as coisas sentimentais.	O homem não.
Se a gente vai pedir pra namorar e a gente toma um fora, a gente fica destruída.	O homem, ele pede pra namorar com uma mulher e a mulher diz não, ele fica de boa, sossegado, ele ainda brinca com isso. Ele fala, cê tem certeza de que você vai me dispensar? Eles brincam, porque parece que eles foram criados com um chip dentro deles pra tomar a iniciativa, pra ser homem, pra ser macho, entendeu?
A mulher, ela foi criada com outra estrutura emocional. A mulher tem força pra outras coisas, entendeu?	Deus criou o homem com uma estrutura pra tomar iniciativa, pra procurar, pra dar os primeiros passos no relacionamento.
A mulher, ela perde, como é que se fala , não é... a palavra é... ela perde a lucidez. A mulher ela fica muito empolgada com as coisas sentimentais. O homem não. [...] A mulher, ela fica meio baratinada.	O homem, ele consegue ter um racional frio na fase da conquista, no início do relacionamento e a mulher não... entendeu?

Fonte: produzido pela autora.

A comparação entre mulheres e homens proposta pela pastora reproduz o senso comum de que os homens são mais racionais, enquanto as mulheres são mais sensíveis e emotivas. Esse raciocínio desenvolvido ao longo do aconselhamento conduz a ouvinte a acreditar que a não-obediência ao “princípio bíblico”, defendido pela pastora, pode trazer como consequência o sofrimento. Segundo a pastora:

(8) Se a gente vai pedir pra namorar e a gente toma um fora, a gente fica destruída.

Para fundamentar seu ponto de vista, a pastora insiste que sua proposta encontra respaldo na Bíblia e no livro *Defraudação Emocional*, de sua autoria. A referência ao texto bíblico acentua a inserção de sua fala no âmbito religioso. Ela não cita, no entanto, as passagens que serviriam de base para as teses defendidas, como se constata em:

(9) Quando a mulher procura... isso tá, queridos, no meu livro, *Defraudação Emocional*, quem de vocês já leu o livro sabe o que eu tô falando, porque no livro tem um capítulo inteiro que eu falo do princípio que se perdeu ‘o homem procura, a mulher espera’ e nesse princípio eu... nesse livro eu falo desse princípio e comprovo biblicamente, que é um princípio bíblico.

Mas, além da comparação entre homens e mulheres, a pastora distingue duas categorias de mulheres: as princesas e as cachorras.

(10) Ridícula. Isso não é coisa de princesa. Isso é coisa de mulher cachorra, mulher que come migalha do chão.

A princesa, para a pastora, é a mulher que aguarda, que se submete à escolha do homem, enquanto a cachorra é a que vai atrás do homem, comportamento visto como deplorável e humilhante. Nos termos da pastora, é algo como comer “migalha do chão”. É também um comportamento qualificado como “ridículo”. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), qualificar uma afirmação ou comportamento como ridículos é “a arma poderosa de que o orador dispõe contra os que podem, provavelmente, abalar-lhe a argumentação, recusando-se, sem razão, a aderir a uma ou outra premissa de seu discurso.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 234). A atitude qualificada como ridícula é, portanto, risível, passível de desaprovação e crítica.

Destacamos, ainda, que a distinção das mulheres nesses dois grupos (princesas e cachorras) é uma proposta defendida por Sarah Sheeva em várias outras ocasiões, especialmente no chamado “culto das princesas”, criado pela pastora, que se destina à doutrinação feminina e ensina as mulheres a serem “princesas”.

Ao se pautar na dicotomia “princesas x cachorras”, a pastora parece retomar a oposição entre duas personagens bíblicas: Maria e Eva, respectivamente. De acordo com Lemos (2005, p. 128):

Foi na Idade Média, período em que os homens, especialmente os clérigos detentores do monopólio do saber e da escrita, sentiram-se na ‘obrigação’ de definir o lugar e o papel de cada sexo nos caminhos da salvação. Neste tempo, forjaram os mais complexos discursos sobre essas duas personagens femininas. Esses discursos evidenciam a necessidade de optar por um dos dois modelos propostos.

Historicamente, constata-se que, paralelamente à condenação de Eva, ocorre uma exaltação da figura de Maria, como exemplo de virtude que se baseia em dogmas defendidos pela Igreja Católica, especialmente a maternidade divina associada à virgindade e em qualidades de Maria descritas na Bíblia, tais como a servidão, a humildade e a imagem de boa mãe e esposa.

De acordo com a narrativa bíblica, Eva é criada em segundo lugar, a partir da costela do homem, o que mostra a primazia do homem sobre a mulher. Além disso, Eva é vista como responsável pela “queda” no Gênesis, uma vez que é quem leva o homem à desobediência que acarreta a expulsão de ambos do paraíso. Recai sobre ela e sobre todas as mulheres as maldições de Deus: “Eu multiplicarei os sofrimentos da tua gravidez, no sofrimento darás à luz teus filhos. O teu desejo impelir-te-á para o teu marido, e ele dominará sobre ti” (BÍBLIA, Gn, 3, 16-20)

Constata-se, portanto, que o discurso reproduz a imagem de uma mulher submissa não apenas ao domínio masculino, mas também a um modelo tradicional de comportamento feminino, que corresponde ao imaginário da princesa, mulher recatada, cheia de virtudes e submissa.

6 CONCLUSÃO

No presente estudo, procuramos verificar se o processo de renovação das formas de interação com o fiel pelo qual passa o discurso religioso reflete algum tipo de renovação nos valores e princípios adotados e pregados pelas igrejas, a partir da análise da organização argumentativa de um aconselhamento publicado pela pastora Sarah Sheeva no seu canal no *youtube*. Constatamos, a partir das reflexões aqui apresentadas, uma mudança das práticas tradicionalmente adotadas, que têm se adaptado aos protocolos da *internet*.

A mensagem analisada se presta ao exercício do poder pastoral, centrado numa autoridade inquestionável por parte do locutor, que, embora procure criar a imagem de uma personagem jovem, que se identifica com o público alvo ao usar uma linguagem que cria uma ilusão de proximidade com a fiel, defende de modo severo os princípios mais conservadores da moral cristã no que se refere ao comportamento feminino. O ideal de mulher (a “princesa”) que a pastora defende é uma figura sensível, frágil, passiva e submissa ao domínio masculino. Pode-se dizer que a locutora articula as organizações argumentativa e enunciativa, visando à promoção desses valores defendidos pela fé cristã. O aconselhamento exemplifica, portanto, o fenômeno de midiáticação do discurso religioso, colocando em prática um processo de resignificação das práticas religiosas, a partir de uma organização argumentativa dialógica, que se fundamenta na relação com o público-alvo e com o texto bíblico, do qual se extraem os princípios da moral cristã.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Gênesis. In: *Bíblia sagrada*: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004. p. 13-41.

_____. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: HENRY, Boyer (Dir.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007. p. 43-63.

_____. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (Org.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 259-284.

_____. *Linguagem e discurso*. Os modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder. In: _____. *Ditos e escritos*. Ética, sexualidade, política: Coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 [1978], p. 26-36.

_____. *História da sexualidade 2*. O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião, gênero e sexualidade*. O lugar da mulher na família camponesa. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. Sociologia do novo pentecostalismo do Brasil. São Paulo Loyola, 1999.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

SHEEVA, Sarah. Video Aconselhamento ao Vivo. Produção de Sarah Sheeva. Vídeo online. [s.l.]. 25 fev. 2016. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jJE8dC>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

_____. *Ministério*. In: Sarah Sheeva: site oficial. [s.d.] Disponível em: <<http://www.sarahsheeva.com.br/site/biografia/oministerio>>. Acesso em 06 abr. 2016.

SILVA, Daniele Renata da. *Eu sou princesa, fora cachorrada*: uma análise do discurso da pastora Sarah Sheeva nos aconselhamentos sentimentais. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2014.

Recebido em 10/06/2016. Aceito em 17/06/2016.

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA MENSAGEM DE ACONSELHAMENTO²

É correto uma mulher cristã estar em sites para conhecer pessoas?

Bom, eu, Ehhh, eu vou falar sinceramente. Você pode até estar nos sites, porque redes sociais né, são sites, e não tem problema você estar no site desde que você, vamo lá, não tome atitudes, entendeu? O que eu sou contra é esses sites de relacionamento onde a mulher fica procurando homem. Eu tenho vontade inclusive de criar um programa ... um aplicativo de relacionamento, mas um aplicativo que só o homem procure. Quando a mulher procura... isso tá, queridos, no meu livro, *Defraudação Emocional*. Quem de vocês já leu o livro sabe o que eu tô falando, porque no livro tem um capítulo inteiro que eu falo do princípio que se perdeu 'o homem procura, a mulher espera' e nesse princípio eu... nesse livro, eu falo desse princípio e comprovo bíblicamente, que é um princípio bíblico que de fato, quando Deus criou o homem e a mulher, Deus criou o homem com uma estrutura pra tomar iniciativa, pra procurar pra dar os primeiros passos no relacionamento, que a mulher não tem essa mesma estrutura. A mulher, ela perde, como é que se fala, não é... a palavra é... ela perde a lucidez. A mulher, ela fica muito empolgada com as coisas sentimentais. O homem não. O homem ele consegue ter um racional frio na fase da conquista, no início do relacionamento, e a mulher não... entendeu? A mulher, ela fica meio baratinada... Por isso a importância de tudo começar sempre pelo homem, nunca pela mulher. A importância do homem ser quem olha a primeira vez, quem vê a mulher, quem começa gostando, tem que ser o homem e não a mulher. E isso se torna muito mais difícil do que a gente imagina, porque a maioria das mulheres tá sendo ministrada há gerações ... por uma cultura feminista que diz: Ah, não. Por que que só o homem pode tomar a iniciativa? A gente também quer tomar. A gente também quer é... é... fazer o que a gente quer. A gente também quer chegar e acontecer. Quer dizer, é uma necessidade que a mulher tem de falar "nós somos iguais, temos direitos iguais". E isso não tem nada a ver com assunto de direitos iguais. Isso é outro assunto. Você tomar a iniciativa não tem nada a ver com direitos iguais. É burrice mesmo, porque você está quebrando um princípio que foi criado pra te proteger... entendeu? Deus sabe que a gente, mulher, não tem capacidade de lidar com essa coisa de tomar a iniciativa e tomar um fora e ficar de boa. O homem, ele pede pra namorar com uma mulher e a mulher diz não, ele fica de boa, sossegado, ele ainda brinca com isso. Ele fala, cê tem certeza de que você vai me dispensar? Eles brincam, porque parece que eles foram criados um chip dentro deles pra tomar a iniciativa, pra ser homem, pra ser macho, entendeu? E a gente não. Se a gente vai pedir pra namorar e a gente toma um fora, a gente fica destruída, porque a gente não foi criada com estrutura pra fazer esse papel. O papel de vir cortejar, o papel de vir perguntar *quer namorar comigo?* é do homem. A mulher, ela foi criada com outra estrutura emocional. A mulher tem força pra outras coisas, entendeu? A posição da mulher é essa: dizer se sim ou se não. Dizer se ela quer aceitar o pedido de namoro. Começar a conhecer o cara ou não, entendeu? Cabe a nós mulheres aprendermos isso que foi criado por Deus pra nos proteger e não entrar em rebelião e ficar olhando pra homem, paquerando homem, procurando homem, querendo arrumar homem, entendeu? O nosso desafio como mulheres é não cair nessa tentação de ficar olhando: Ah, será que ele é o cara? Inclusive, eu já respondi um aconselhamento há muitos anos sobre esse tema, tá na internet aqui no meu canal do *youtube*, você pode procurar aqui, sobre autodefraudação, que é o aconselhamento que eu falo pra uma menina, ela me fala que ela tava gostando de um cara há um tempão, que ela tava apaixonada por esse cara e o que que Deus falou pra ela. Querida, não foi Deus que falou pra você, não foi Deus que disse pra você, foi a sua alma e a sua carne. Porque quando Deus fala que alguém, é pra alguém Deus faz o procedimento que é bíblico. Por exemplo, uma mulher chega pra mim e fala assim: ah, vamo dar um exemplo aqui. O nome da mulher é Maria, o nome do cara é João. Só pra fazer um personagem fictício. João e Maria, tá? É a mulher, a Maria chega pra mim e fala assim: Ah, eu gosto do João. Pode ser o João o homem de Deus pra minha vida? Vamos nos princípios da palavra. Como que Deus mostra na Bíblia... Tá tudo no meu livro, eu não tenho tempo agora pra mostrar os respaldos, mas no meu livro está. Aí eu falo: Vamo lá, vamo olhar primeiro o que tá na Bíblia. É o homem que toma a iniciativa. O João, oh Maria, o João, ele já te procurou? Aí ela me responde *já*. Se ela me falar *já*, aí eu vou perguntar: Ele já falou que gosta de você ou já demonstrou interesse por você? Se ela me disser *já*, eu vou dizer: Hum..., pode até ser ele. Entendeu? Agora se ela falar assim pra mim. Se eu perguntar, né, vamo de novo: Maria, o João já te procurou? Aí ela vai me dizer: Não. Ele nunca nem falou comigo. Ele nem sabe que eu existo. Eu vou olhar pra cara dela e dizer o que? Querida, tá fora da palavra. Deus não faz isso. Não tem na Bíblia. Em nenhum momento, uma mulher fica igual uma idiota olhando pro homem e falando: É ele, tipo fã do Menudo, entendeu? Fã do Backstreet Boys. Ridícula. Isso não é de princesa. Isso é coisa de mulher cachorra, mulher que come migalha do chão. Deus não criou a mulher pra isso. Deus também não criou o homem pra ficar... precisando de um empurrãozinho pra poder olhar. Deus mostra pro homem quando é a mulher dele. Você entendeu? O problema é que tem homem que olha pra uma mulher, cobiça aquela mulher, quer aquela mulher, e aquela mulher não é pra ele. E aí já é um outro departamento, onde a gente vai tratar o homem, ensinar o homem não cobiçar o que não tem nada a ver com ele. Amém? Então, voltando aqui à sua pergunta, você falou se é certo ou se é errado a mulher entrar em site... Se ela estiver entrando num site de relacionamento pra procurar homem, é errado sim, porque ela tá quebrando esse princípio que eu explico no meu livro *Defraudação Emocional*. Amém?

²Transcrição feita a partir de Sheeva (2016).